

# O DISCURSO MACHISTA NA FALA DE MULHERES NAS REDES SOCIAIS: CASO BRUNA MARQUEZINE

*The Man Chauvinism Speech in Women Talking: Bruna Marquezine Case*

*Arclebia Rodrigues Pinho*

## **Resumo**

Com o objetivo compreender de que modo e de que forma as mulheres propagam o discurso machista ao criticarem outras mulheres nas redes sociais, esta pesquisa partiu de uma investigação bibliográfica e descritiva, para depois dar prosseguimento à etnografia virtual. Foram coletados 30 comentários, sendo 15 de mulheres, dentre os quais 12 apresentaram marcas de machismo, que classificamos como machismo ofensivo e machismo camuflado. Chamamos machismo ofensivo, aquele que se manifesta por meio do discurso intolerante com nível alto de expressões ofensivas; já no camuflado, a ofensa pode ser ativada, mas ela não é ostensiva. Podemos concluir que o machismo por parte das mulheres tem se propagado e, muitas das vezes, a agressora não percebe a agressão, por falta de conhecimento ou alienação ao sistema machista.

**Palavras-chave:** Redes Sociais. Machismo. Mulher.

## **Abstract**

With the objective of understanding to what extent and how women propagate the man chauvinism speech by criticizing other women on social networks, this research has gone from a bibliographical and descriptive investigation, then to continue the virtual ethnography. 30 comments were collected, being 15 of women, among whom 12 presented marks of man chauvinism, which we classify as offensive and camouflaged man chauvinism. We call it offensive man chauvinism, the one manifested by the intolerant speech with a high level of offensive expressions; in the camouflage, the offense can be activated, but it is not ostentatious. We can conclude that the man chauvinism on the part of women has been propagated and often the aggressor does not perceive aggression, because of lack of knowledge or alienation to the man chauvinist system.

**Keywords:** Social network. Man chauvinism. Woman.

## **INTRODUÇÃO**

Ao longo dos tempos, a forma de comunicação por parte dos indivíduos foi se modificando, nos tempos primitivos, os homens das cavernas se comunicavam com desenhos, mas isso foi mudando com o passar dos tempos, foi necessária a criação de outros meios de comunicação, e com um tempo a linguagem falada e escrita foram bastante utilizadas como meio de comunicação.

Como sabemos, a linguagem e o discurso se tornaram ferramentas importantes na comunicação, pois não basta só saber falar, no discurso é importante para que os interlocutores consigam se fazer entender no que diz respeito aos aspectos não somente linguísticos, mas também sociais. Patrick Charaudeau (2010, p. 44) caracteriza dois tipos de abordagens de linguagem: linguagem como objeto transparente, cujo emissor faz uma narração deixando claro o seu objetivo; e a segunda abordagem trata da linguagem como objeto não transparente, isso ocorre quando o emissor faz uma narrativa e não deixa de maneira clara o seu objetivo fazendo com que o seu receptor tenha dificuldades para entendê-lo. Tal ação acaba por dar outro sentido na sua narrativa, podendo ocasionar a dificuldade de comunicação, levando o interlocutor a percorrer outros sentidos em função de contextos distintos, muitas vezes não compartilhados.

Charaudeau (2010, p.50 ) caracteriza a linguagem como substancialista, cujas estruturas da narração e da comunicação, consistem em equipamentos específicos e bem articulados, pelos quais o autor caracteriza como um ser biologicamente determinado, e que o conteúdo discursivo perpassa a sua formação, passando assim de pai para filho; a esse respeito, podemos apresentar a questão do machismo que atravessa gerações e gerações com argumentos já cristalizados, sedimentados na cultura, dificultando assim a quebra desse paradigma.

Este trabalho partiu de uma análise bibliográfica e posteriormente de uma análise etnográfica virtual a partir de um de uma postagem nas redes sociais a respeito da aparência e traje vestido pela atriz Bruna Marquezine. A referida postagem obteve uma repercussão substancial, levando seguidores do sexo feminino e másculo a se

posicionarem em relação à imagem da atriz. Ao observar que muitas mulheres não manifestavam apoio à atriz, ao contrário, a criticavam, surgiu o nosso interesse em pesquisar sobre de que modo as mulheres são machistas? Com este trabalho, pretendemos debater sobre o fato de que os homens julgam as mulheres pelas roupas que vestem, mas isso não quer dizer que eles são os únicos sujeitos que julgam as mulheres e as oprimem, e que as mulheres também podem propagar a discriminação por conta das roupas que usam, por exemplo.

Deste modo, este trabalho tem como objetivo geral compreender de que modo e de que forma as mulheres propagam o discurso machista ao criticarem outras mulheres nas redes sociais e para isso, coletamos um *corpus* de 12 comentários, neles identificamos quantas seguidoras criticaram a atriz e quantas delas assumiram marcas do discurso machista.

Com este artigo, estamos contribuindo para a proposição de uma nova visão sobre as questões de machismo por partes das mulheres que têm voz por intermédio de redes sociais, e como se dá essa propagação desse preconceito, sendo assim mais um trabalho que servirá de auxílio a novas pesquisas acadêmicas e não só, no meio social em que estamos inseridos.

Este trabalho está dividido em cinco partes: as duas primeiras discutem aspectos importantes para a construção do discurso machista, depois apresentamos a nossa metodologia, seguida de nossa análise que se inicia pela exposição e explicação dos elementos que elucidam o machismo nas postagens realizadas. Para finalizar, sugerimos nas considerações finais as nossas contribuições para a análise do discurso e para os estudos em ciências sociais.

## **1 O discurso**

Na visão de Norman Fairclough (2001, p.35), o discurso está inserido em uma variedade de conhecimentos apresentados por uma comunidade concreta, que são influenciados socialmente pelo governo, crença e nível econômico. Numa análise mais profunda do discurso, sem levar em consideração à questão da fala ou das regras gramaticais, mas sim o discurso que é o espelho da convivência em questão ou da zona de acesso onde tudo acontece frequentemente, e tudo o que o mesmo pode revelar sobre a sociedade, a cultura, a comunidade de fala analisada.

Fairclough (2001, p.22) descreve três aspectos importantes na análise do discurso para uma boa compreensão do mesmo: a análise de textos falados ou escritos, a análise da prática discursiva, e não menos importante a análise do discurso como uma fração da prática cultural de uma sociedade.

Para o autor, o discurso pode ser discutido a partir de três aspectos: o primeiro por identidades sociais, o segundo fala que o discurso serve para construir relações sociais entre as pessoas e o terceiro e último propõe que o discurso serve para a construção de conhecimentos e crenças, esses três aspectos funcionam como dimensões que dão sentido e coerência e integram todo o discurso.

Silva (2003) com base em Harris aponta que o texto reflete o discurso. Tal pensamento evoca a ideia de que há “verdade do texto” (imaneente) e o sonho de um tratamento gramatical neutro, alheio – como diz ainda o Samuel – a toda humanidade.

Assim, num primeiro momento se sobressai a análise linguística, porém, com menos importância nas definições de formação de novas ideias e de sua origem, já na segunda vertente há um realce a visão da sociedade, no afastamento da análise linguística. Os dois conceitos carregam uma percepção das relações de poder, destacando o “papel interpretando por um ajuste ideológico dos documentos linguísticos na criação das relações de poder que existe”. O fato é que as lutas e as transformações de poder não mereceram a atenção exigível, considerando-se a linguagem em si e seu papel. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 20)

### **1.1 As identidades sociais**

Fairclough (2001,p.123) apresenta o processo de reconhecimento da identidade social e da identidade pessoal, pelas quais as pessoas serão colocadas em um determinado lugar. As nações, por exemplo, não se constituem da união entre indivíduos. São cultural, social e historicamente impostas aos indivíduos pela socialização e pelo consenso que satisfaz ou não as necessidades individuais. (John C. TURNER, 1977, p.520)

Porém é muito debatido sobre esta questão em relação à identidade social e relações sociais, pois notamos que para formarmos identidades sociais não basta duas pessoas se unirem, em muitos estudos trazem a temática de que precisa-se de vários aspectos tais como relações interpessoais que o autor aponta como designação externa.

Turner (1999,p.530) abordou em um dos seus estudos sobre a mecânica psicológica. Ele frisou que essa mecânica leva muitas das vezes os indivíduos a formarem uma identidade coletiva e uma identidade social. Esse mesmo estudo vem tentando entender o impacto do preconceito e sobre as impressões sólidas que muitos indivíduos praticam uns com os outros. Essas generalizações que podem estar relacionadas a cultura do indivíduo, as vestes que usa, ao modo de falar e seu enquadramento social.

Segundo Peter Burke:

[...] a teoria da identidade social é uma teoria da psicologia social no campo da sociologia e atenta para o entendimento das identidades, suas fontes na interação e na sociedade, seus processos de operação e suas consequências para a interação em sociedade. (BURKE, 2009, p.520)

Segundo Fairclough (2003, p.36) os indivíduos podem utilizar seus discursos como formas de transformação social, e caso o consigam eles atuam como ‘Agentes Primários’. Tal conceito reflete sobre o rompimento da crença da predestinação dos sujeitos, pois pelo modo como nasceram, do jeito que, no princípio, não teriam escolha alguma, ou seja, pessoa vulgar ou nobre, trabalhador ou de classe social de boa renda mensal, pessoas do sexo masculino ou feminino, seus posicionamentos na divisão social de bens.

São poucos indivíduos, dentro da sociedade moderna, que têm os mesmos limites desses fatos que se coloca diante de determinada situação, mas sua capacidade de modificá-los depende da sua capacidade para perceber e da qualidade de se tornarem “Agentes infiltrados”, que podem efetuar uma ação coletiva e a mudança social.

Segundo Moita Lopes:

[...] a construção da identidade social é vista como estando sempre em processo, pois é dependente da realização discursiva em circunstâncias particulares: os significados que os participantes dão a si mesmos e aos outros engajados no discurso. (LOPES, 2002, p. 34)

Nesta visão, as identidades não são pertencentes aos indivíduos, mas sim complementações sociais, anuladas ou promovidas de acordo com a ordem social. Portanto, os indivíduos carregam várias identidades sociais na sociedade.

Mercer (1990, p. 57, *apud* Moita Lopes, 2002, p. 36), as identidades sociais são estruturadas ‘como uma língua’ no sentido de que podem ser articuladas em uma gama de posições contraditórias de um contexto discursivo ao outro. Esta em constante mudança tal como a língua.

Alcançar a identidade social em sentido pleno é uma questão não só de assumir papéis sociais, mas de personificá-los, investindo-os com a personalidade própria, representando-os de forma distintiva. (FAIRCLOUGH, 2003, pp.160-161).

Ao longo da história da humanidade as mulheres e os homens vêm desempenhando diferentes papéis sociais. Surgiram perguntas como: ‘qual é esse papel social?’ Algumas ciências como a Sociologia, tratam de funções e atividades feitas pelo indivíduo em sociedade, especialmente ao representar suas relações sociais em sociedade. Esta vida em sociedade pressupõe grande desejo de conduta entre os mesmos indivíduos. Esses cargo e regras seguidas variam por muitos fatores, tais classes sociais, grau de instrução e especificamente pelo sexo.

Ribeiro (2018, p.20 ) afirma que as diferenças sexuais sempre foram valorizadas ao longo dos séculos pelos mais diferentes povos em todo o mundo. Algumas culturas – como a ocidental – associaram a figura feminina ao pecado e à corrupção do homem, como pode ser visto na tradição judaico-cristã. Da mesma forma, a figura feminina foi também associada à ideia de uma fragilidade maior que a colocasse em uma situação de total dependência da figura masculina, seja do pai, do irmão, ou do marido, dando origem aos moldes de uma cultura patriarcalista e machista. Assim, esse modelo sugeria a tutela constante das mulheres ao longo de suas vidas pelos homens, antes e depois do matrimônio.

De acordo com Maggie Humm e Rebecca Walker (1990,p.517), defenderam que dependendo do momento histórico, da cultura e do país, as feministas tiveram diferentes causas e objetivos. A maioria dos historiadores feministas ocidentais afirma que todos os movimentos que trabalham para obter os direitos das mulheres devem ser considerados feministas, mesmo quando eles não apliquem o termo a si mesmo.

Ao longo dessa história, no surgimento da sociedade industrial, a mulher vem ganhando espaço no mercado de trabalho e em outras áreas vimos presença de mulheres trabalhando em grandes empresas deixando de ser simplesmente dona de casa. Tendo um longo histórico de opressões e discriminações, nota se que no final do século XIX e no

começo do século XX, o movimento feminista passou a ganhar voz que fez com que nos anos de 1960 e 1970. O feminismo modificou as perspectivas em diversas áreas da sociedade ocidental, quer seja da cultura ao direito. Sendo assim, as ativistas femininas não pararam de organizar campanhas rogando pelos direitos legais das mulheres manifestados pelo direito da mulher à sua autonomia e pelo respeito ao corpo, por leis que defendem e protegem as mulheres e garotas contra abusos e outros tipos de violências.

## **1.2 As relações sociais e o feminismo**

Podemos dividir de uma forma didática as relações sociais em duas instâncias: relações sociais formais e as informais. As relações sociais formais: são destituídas de informação de companheirismo e o sentimento forte entre os indivíduos, as condições formais são passageiras produzidas em muitos contextos da vida, por exemplo, no trabalho, já as relações sociais informais levam mais tempo e que crescem por meio do sentimento entre os indivíduos que interagem e, isso, acontece por meio de uma situação cotidiana mais informal, por exemplo, as relações familiares e de amizade.

No que concerne ao poder da fala e opressão, a filósofa pós-estruturalista Judith Butler (1990,p.236), no seu livro que trata sobre os problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade ela aborda sobre que, a teoria feminista traz a hipótese que há uma identidade própria, representada pela classe de mulheres, que não só provoca os reais objetivos feministas dentro do seu discurso, e que forma o indivíduo.

No que tange a representação, as questões são polêmicas, pois por um lado, a representação serve como termo operacional no seio de um processo político que busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos; por outro lado, a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres. Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente pareceu necessário, a fim de promover a visibilidade política das mulheres. Isso parecia obviamente importante, considerando a condição cultural difusa na qual a vida das mulheres era mal representada ou simplesmente não representada.

Foucault observa que os sistemas jurídicos de poder produzem os sujeitos que subsequenteiramente (*sic*) passam a representar. As noções jurídicas de poder parecem regular a vida política em termos puramente negativos — isto é, por meio de limitação, proibição, regulamentação, controle e mesmo “proteção” dos

indivíduos relacionados àquela estrutura política, mediante uma ação contingente e retratável de escolha. Porém, em virtude de elas estarem condicionados, os sujeitos regulados por tais estruturas são formados, definidos e reproduzidos de acordo com as exigências delas. (BUTLER, 1990, p.229)

Sendo assim, o sujeito do feminismo raciocina na formação e no seu sistema político que em contra partida deveria ajudar na sua independência, o que faz com que politicamente grandes problemas surgem entre o gênero em questão e o ponto alto da pirâmide em questão que é o homem. As mulheres, no caso, não buscam simplesmente uma independência e reconhecimento na política e em outros campos, isso vai além da visão da sociedade, mostrando ao mundo que do mesmo modo como um homem administra um cargo, uma mulher na mesma condição o faria do mesmo jeito.

(...) Não há dúvida, a fragmentação no interior do feminismo com a oposição paradoxal ao feminismo — por parte de “mulheres” que o feminismo afirma representar — sugerem os limites necessários da política da identidade. A sugestão de que o feminismo pode buscar representação mais ampla para um sujeito que constrói e gera a consequência irônica de que os objetivos feministas correm o risco de fracassar, justamente em função de sua recusa a levar em conta os poderes constitutivos de suas próprias reivindicações representacionais. (BUTTLER, 1990, p.22)

Michel Foucault (2004,p.44) trata de representação em ‘Isto não é um cachimbo’. O autor discorre sobre o famoso quadro de Magritte, no qual há um cachimbo pintado em uma tela sobre um cavalete e, logo abaixo, está escrita a frase *Ceci n'est pas une pip*. Foucault afirma que o desenho representado não é um cachimbo, é somente o desenho de um cachimbo. Desse modo, justifica porque Magritte escreveu ‘Isto não é um cachimbo’. Parece evidente, porém, que Foucault quer chamar a atenção para o fato de que se trata da representação de um cachimbo, não do cachimbo concreto. Portanto, a representação é uma construção discursiva.

Este discurso traz consigo uma representação onde acarreta um espaço para crença, preconceitos, discriminações, valores, moral. Sendo assim a fala (discurso) apresenta traços diferentes quanto à intencionalidade no momento da produção e da propagação.

Nas três macro funções: ideacional, interpessoal e textual, a função Ideacional compõe um sistema de informação e crença. Essas crenças tem um grande impacto na sociedade trazendo novas expectativas na visão de muitos indivíduos. Mostrando como o mundo é, constituindo identidades de pessoas e coletividades e auxiliando na constituição das relações sociais.

Com isso podemos concluir que o poder da representatividade está inserido de acordo com o discurso que é propagado, podemos notar que Butter faz uma grave crítica ao se remeter que o feminismo não representa muitas mulheres e que isso gera um conflito interno e até mesmo um enfraquecimento do movimento, isso se dá pelo fato de que muitas mulheres só escutam falar do machismo já que ele está inserido em nosso cotidiano há muito tempo, muitas mulheres acreditam que o feminismo busca assim como o machismo uma hierarquia social, ou até mesmo a aniquilação masculina, por isso se torna difícil manter as relações sociais.

### **1.3 O machismo**

Em 'O Segundo Sexo', Simone de Beauvoir diz que "o homem é definido como ser humano e a mulher como fêmea: todas as vezes que ela se conduz como ser humano, afirma-se que ela imita o macho" (1949, p. 72), apontando, assim, para a situação de sub-humana com que a mulher era tratada.

Tomaz de Aquino (1980. A 1ª parte) e Aristóteles (384-322 a.C.) afirmavam que "a fêmea é fêmea em virtude de certas faltas de qualidade", enquanto que Plantão (2016.p.128-129) (428-347 a.C.) dizia que "os homens covardes que foram injustos durante sua vida, serão provavelmente transformados em mulheres quando reencarnarem". Contudo muitos questionam sobre essas falas por serem ditas há anos, mas sabemos bem que esses discursos eram não somente apoiados como difundidos pelas culturas.

Para Lizandra Souza (2015, p.10) as mulheres reproduzem machismo porque machismo é uma ideologia que nos é internalizada através de construções simbólicas discursivas veiculadas em práticas sociais, vimos que as mulheres reproduzem machismo porque machismo é o pilar do patriarcado: sistema de opressão de gênero vigente. Mulheres não são machistas porque não ocupam um lugar de poder e privilégios nesse sistema de dominação-exploração, porém mulheres ao reproduzirem machismo contribuem para a manutenção desse sistema, ao fazer com que a ideologia dele seja sustentada.

A diferença entre os homens que reproduzem machismo e as mulheres que reproduzem machismo é que os primeiros além de propagar a ideologia, se beneficiam dela, enquanto as mulheres não obtêm benefício ideológico disso. (Souza, 2015, p.2)

Uma vez propagadoras, as mulheres podem tomar consciência desta ideologia como não, caso não o façam correm o risco de fortificar um sistema simbólico opressor que minimiza a sua participação e representação social.

## **2 Metodologia**

Esse trabalho partiu de um estudo bibliográfico e descritivo, através de uma observação participante, com o objetivo de estudar e discutir sobre o machismo por parte das mulheres trazendo consigo embasamentos em autores que fortificam o conhecimento no assunto, trazendo não só trabalhos de autores da atualidade, mas também autores do passado, que abordam como o discurso machista propagado há séculos.

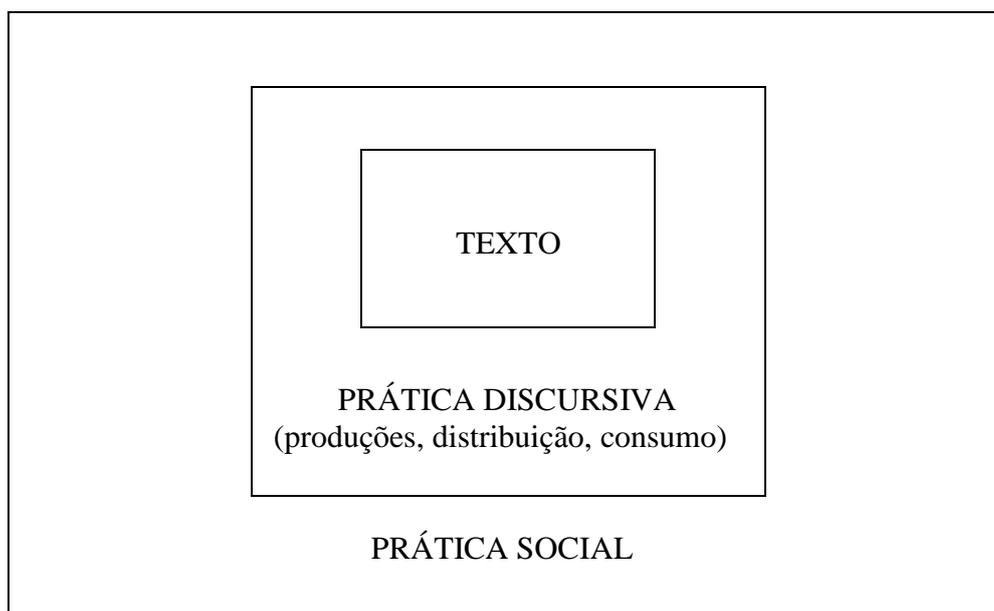
Para coleta de dados foi baseado na observação e participação em redes sociais (etnografia virtual), onde conseguimos acompanhar a repercussão de uma postagem da atriz Bruna Marquezine em sua rede social *Instagram*. Foram analisados os comentários a postagem de uma foto da atriz Bruna Marquezine vestida para carnaval de 2018. Nos comentários, observou-se uma grande quantidade de comentários machistas proferidos por homens e mulheres na rede social *Instagram*.

Para esta investigação, selecionamos 15 comentários da postagem publicada no dia 10 de fevereiro de 2018. Tal postagem, até a data de finalização da coleta de dados contou com 101.635 comentários e 2.150.291 curtidas. Selecionamos os comentários realizados por mulheres, e dentre eles buscamos identificar expressões que de algum modo relacionavam-se com o discurso machista. Para a análise, nos baseamos no modelo tridimensional do discurso de Fairclough discutido na próxima seção.

### **2.1 A concepção tridimensional do discurso para a análise do machismo**

É através do discurso que se manifestam as formas de dominação, as operações de ideologia e as relações sociais. (FAIRCLOUGH, 2003a, p. 15). Para o autor, não basta que se estude somente o texto, ou somente o modelo social ou ideológico, é preciso que o analista compreenda que as relações discursivas, sociais e ideológicas se estruturam no texto e é por ele que se propagam e se transformam. Diante disso, o autor propõe a concepção tridimensional do discurso, ver figura 1.

**Figura 1 – Conceção tridimensional do discurso**



**Fonte:** Quadro disponível em Fairclough( 1992, p. 101).

Podemos classificar o texto como um arranjo de vocabulário, que nos permite estabelecer uma conexão com a prática discursiva por meio de relações referenciais como a intertextualidade. O texto, portanto, é uma espécie de gatilho que evoca efeitos na mente do receptor da mensagem. Os signos são potencialmente capazes de produzir efeitos de sentido, de real, de verídico etc..

Para Décio Rocha (2014,p.7) a prática discursiva pode ser construída de maneira tanto convencional como criativa, onde a maneira e a linguagem a serem usadas estarão condicionadas ao ambiente e a maneira pela qual as pessoas devem reagir. Um bom exemplo a ser usado é a questão de que um professor deve saber qual maneira deve ser abordada em sala de aula, pois a linguagem a ser usada não é a mesma a ser usada na conversa com outros professores, tanto por questão de interpretação quanto por questão de debate educacional.

A concepção de discurso que acolhemos, apresenta a vantagem de permitir a relativização do poder da linguagem de representar o mundo para o sujeito.

Tendo definido discurso como prática discursiva (MAINGUENEAU, 1989,p.53), definição que pressupõe como vimos uma “reversibilidade essencial entre as duas faces, social e textual, do discurso” (MAINGUENEAU, 1989, p. 56), devemos afastar como inadequada qualquer interpretação que reduza o conceito à mera sequência de palavras

ou a um ‘contraponto do mundo empírico’. Afinal, não estamos diante de uma polarização entre ‘mundo real’ e ‘palavras e textos’: palavras também são produção do mundo, o que já se verifica desde o exemplo dos filósofos analíticos da linguagem dos anos 60, quando, com John Langshaw Austin, se afirmou a noção de performatividade da linguagem. Afinal, fazemos coisas quando produzimos textos: ao dizer ‘obrigado’, realizo a ação de agradecer algo; ao dizer ‘prometo te trazer o livro’, engajo-me efetivamente numa promessa, tornando-me ‘devedor’ de alguém.

No que se refere à prática social, ela apresenta uma série de características e ideologias e hegemônicas na iminência discursiva apresentada. Sendo assim, o discurso pode estar aplicado a várias práticas sociais como, por exemplo, na política econômica, nas práticas culturais e ideologias, só se diferenciam, pois algumas são não discursivas algumas funcionam como avisos pelos quais não é preciso entrar em acordo com outros indivíduos, mas outras funcionam com caráter discursivo, pois precisam ser elaboradas com outros indivíduos, o fato pelo qual os indivíduos se adequam e modificam a sua maneira de falar dependendo da classe social a qual eles pertencem ou até mesmo qual o nível da classe social das pessoas envolvidas na conversa, a maneira e a postura durante o discurso podem ser alteradas.

Sabemos que há muito tempo o discurso machista vem sendo propagado em nossa sociedade, discurso esse que ocasionou misoginia e machismo. Em ‘Mulheres Raça e Classe de Ângela Davis’ (1944), a autora elucida quão repudiada era a mulher, época em que este gênero não tinha voz, vivendo sob o prisma da submissão.

Ideologia é algo pelo qual a sociedade acredita ser ‘ideal’ ou ‘certo’, um movimento que ultrapassa gerações e acarreta em alienação que conseqüentemente gera preconceito, assim como o filósofo Karl Marx (1818 a 1883) idealizava a burguesia como tendo o controle das classes sociais, sabemos que assim como os pensamentos de Marx ainda existem indivíduos que a creditam na supremacia masculina, tudo isso está ligada com as questões políticas, econômicas e sociais.

Sabemos que durante décadas a mulher foi subjugada pela sociedade, se fazendo acreditar em ideologias criadas e alimentadas pela mesma, ideologias essas onde a mulher tem um papel na sociedade, como cuidar da casa, marido e filhos, se fazendo assim submissa ao homem, isso tudo acarretou em pensamentos e discursos machistas não só por parte dos homens mas se fazendo presente em muitas mulheres, mesmo que sem

perceber elas propagam o que a sociedade as incentivam e as ensinam desde muito pequenas.

O machismo surge de discursos propagados no nosso cotidiano, de coisas simples, por isso que muitas mulheres acabam se tornando propagadoras mesmo sem ter a consciência, elas respondem a um sistema, um sistema simbólico já conhecido e estranhamente familiar, pois cresceram sob esta ideologia.

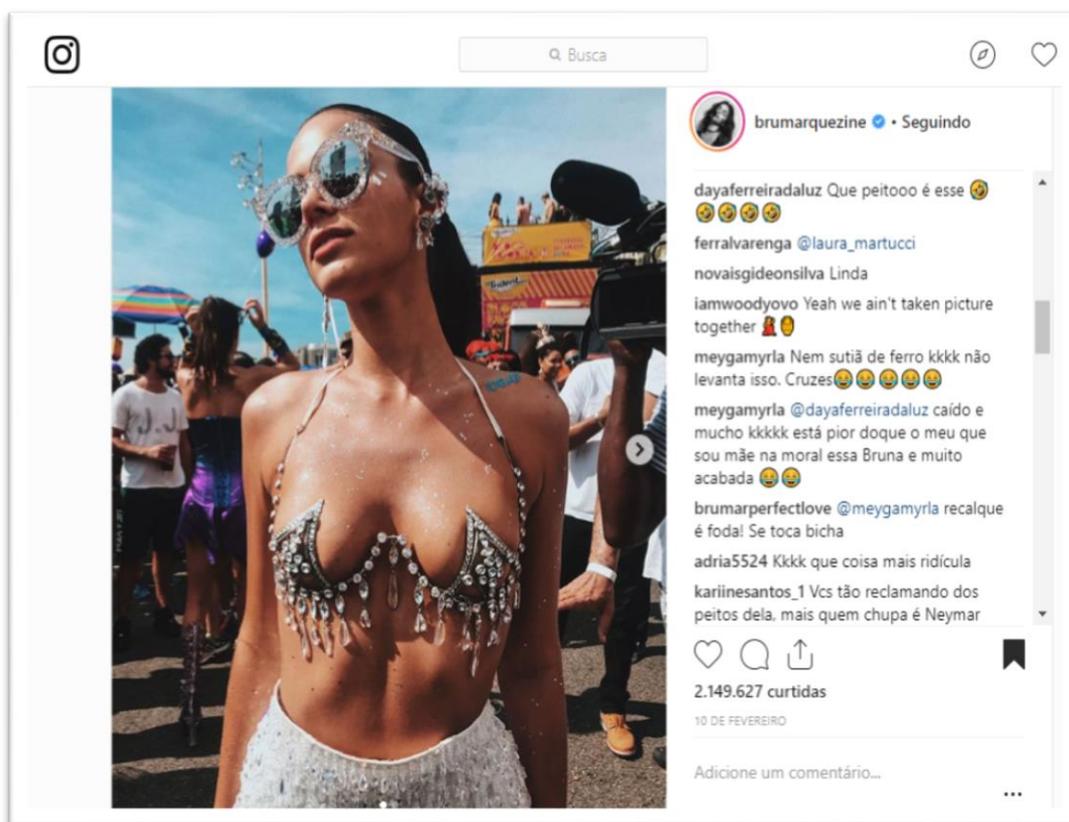
Mas o que fez com que mulheres se tornem propagadoras do machismo? Ângela Davis (1981, p.56) nos mostra um claro exemplo em umas de suas convenções em busca dos seus direitos as mulheres brancas da classe média se viram ameaçadas por uma mulher negra ex-escrava. Naquela situação, o racismo falou mais alto levando-as a agir como os homens com repúdio e com palavras de ordem, mas quem era essa mulher que gerou tanta revolta? Sojourner Truth (1976, p.78), uma revolucionária negra, que mostrou para o mundo o quanto as mulheres também podem ser machistas.

As líderes do movimento tremeram ao ver uma mulher negra alta, magra, usando um vestido cinza e um turbante branco sob um chapéu rústico, que se dirigia de forma decidida para o interior da igreja, caminhando com o ar de rainha pela nave, sentando-se aos pés do púlpito. Um burburinho de desaprovação foi percebido em todo salão e ouvidos apurados escutaram: ‘coisa de abolicionista’, ‘eu avisei’, ‘vai lá nega’. (TRUTH, 1976, p. 72)

Se torna difícil questionar algo que já está enraizado em nossa cultura algo que já se tornou cristalizado por parte da sociedade, então para muitas mulheres o fato de vestir uma roupa mais decotada reflete uma quebra de contrato social machista ao qual quem comete esse equívoco deverá ser sancionado e ser repreendido de alguma forma.

### 3 Análise da postagem

Figura 2 – Postagem



**Fonte:** Perfil oficial na rede social *Instagram* de Bruna Marquezine, 2018.

Na Figura 2, podemos constatar a forte crítica e machismo por parte de mulheres sobre a Bruna Marquezine. Optamos por coletar quinze comentários, e deles foram selecionados doze, proferidos por perfis femininos com algum conteúdo machista. Sendo assim está representado consoante a ordem de comentários por parte das seguidoras, tipo de comentário, alvo do comentário e o teor ofensivo.

Na foto, a atriz aparece com um top que deixa a mostra parte de seus seios e uma saia. Na imagem, se observarmos um pequeno detalhe, o ombro esquerdo de Bruna notaremos um adesivo escrito 'IDAG' que ao traduzir do inglês para o português teremos: 'Não estou nem aí' podemos notar que a atriz parece despreocupada com o julgamento público, mas por ser uma figura pública ela não passaria despercebida, de acordo com a observação podemos constatar que o adesivo fixado no ombro responde as opiniões públicas, já que

Bruna não se posicionou em relação aos comentários, e depois de uma grande quantidade de críticas, a foto foi apagada do perfil da atriz na rede social.

**Tabela 1 – Identificação do machismo no discurso**

	SEGUIDORA	COMENTÁRIO	ALVO DO COMENTÁRIO	TIPO DE OFENSA
1	SEGUIDORA	quê isso carnaval ou bordel	Seios roupa	Ostensiva: aqui a seguidora compara a atriz a uma prostituta.
2	SEGUIDORA	HORRIVEL.... ÓBVIO QUE ESTA MACHUCANDO, DOLORIDO! CREDO, VALE TUDO	Seios	Ostensiva: o julgamento ofensivo aparece na expressão vale tudo que aponta para o apelo sexual
3	SEGUIDORA	Puta	Roupa	Ostensiva: a escolha da palavra faz relação direta com a prostituição
4	SEGUIDORA	os seios dela me lembram o os meus kkk pequenos	Seios	Camuflada: há aqui uma relação entre figura da mulher e o corpo perfeito que ela deve apresentar. A presença de 'kkk' minimiza o peso da ofensa, mas não anula a sua importância.
5	SEGUIDORA	pra chegar aos pés da kim kardashian tem que colocar seus peitos no lugar	Seios	Camuflada: há aqui uma relação entre figura da mulher e o corpo perfeito que ela deve apresentar por meio da comparação, o recurso se dá por meio

				de estereótipos e protótipos.
6	SEGUIDORA	o peito da minha vó e mais durinho do que o dela.	Seios	Camuflada: há aqui uma relação entre figura da mulher e o corpo perfeito que ela deve apresentar por meio da comparação, entre o feio e o bonito, o velho e o novo.
7	SEGUIDORA	o q elas fazem depois do carnaval	Seios, roupa	Ostensiva: mais uma vez a formação discursiva da prostituição é acionada.
8	SEGUIDORA	que roupa ridicula só tem pescoço e pernas finas kk	Roupa, Corpo	Camuflada: há aqui uma relação entre figura da mulher e o corpo perfeito que ela deve apresentar por meio da comparação, o recurso se dá por meio de estereótipos e protótipos.
9	SEGUIDORA	bruna coitada sta só pele e osso	Corpo	Camuflada: há aqui uma relação entre figura da mulher e o corpo perfeito que ela deve apresentar por meio da comparação, o recurso se dá por meio de estereótipos e protótipos.
10	SEGUIDORA	tão nova com os peitinhos caídos, nem eu que tenho filho que mamou até os 2 anos e 11 meses tenho o	Seios	Camuflada: há aqui uma relação entre figura da mulher e o corpo perfeito

		peito caído assim. Se cuida moça!!!		que ela deve apresentar por meio da comparação, entre o feio e o bonito, o velho e o novo.
11	SEGUIDORA	se até a bruna marquezine tem peito caído	Seios	Camuflada: há aqui uma relação entre figura da mulher e o corpo perfeito que ela deve apresentar por meio da comparação, o recurso se dá por meio de estereótipos e protótipos.
12	SEGUIDORA	ficou muito esquizita com essa roupa, credo é muita coragem pra pagar mico desse, só pescoço e pernas finas	Roupa, corpo	Camuflada: há aqui uma relação entre figura da mulher e o corpo perfeito que ela deve apresentar por meio da comparação, o recurso se dá por meio de estereótipos e protótipos.

**Fonte:** Elaboração própria

Como podemos ver nos comentários presentes na Tabela 1, o machismo apresenta-se na fala das mulheres de duas formas, de modo mais direto, o qual podemos denominar de machismo ostensivo, e de modo indireto, que chamamos de machismo camuflado. Entendemos por machismo um sistema simbólico que privilegia o homem e/ou os ideais cultivados por ele em detrimento da figura da mulher, relacionando-a como algo inferior de modo estigmatizante.

Consideramos que o machismo pode ser propagado por meio de um discurso intolerante, que para Diana Luz (2008, p. 257) toda essa construção da intolerância, funciona como um pacto social, onde a sociedade acredita estar certa e que ao ser quebrado por um indivíduo ele receberá sanções, punições, julgamentos com relação ao seu modo de se representar no mundo.

Com base nos comentários apresentados na Tabela 1, observamos que as mulheres apresentaram discurso intolerante em suas respostas à foto da atriz Bruna Marquezine, retratando-a como alguém que quebrou um contrato social, independente do contexto (carnaval), que deveria ser um atenuante no julgamento.

Deste modo, podemos dizer que as respostas das seguidoras ativam discurso de sanção em relação à figura da atriz a partir do rompimento de duas ou três instâncias distintas, a saber: estereótipo da mulher direita, que deve se apresentar com roupas que cubram o seu corpo, o estereótipo da mulher famosa, que deve ser bela e jovem. Em contrapartida a primeira quebra de contrato, relacionam a figura da atriz a um outro estereótipo, o estereótipo da mulher vulgar.

O machismo reside no cumprimento desses contratos, nas relações dicotômicas: belo *x* feio; certo *x* errado; jovem *x* velho, que a mulher deve se ater, ou seja, ela deve atender aos padrões de beleza, deve buscar os ideais de beleza e pureza. Na fotografia, a atriz rompe com esses padrões e as mulheres a criticam por isso seguem algumas análises.

#### *O ideal de beleza*

A maior parte dos comentários (1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10 e 11) aponta para a quebra do contrato de beleza. Nos comentários percebemos que o nível do conteúdo já está mais elevado que o primeiro, ao questionar que ‘nem um sutiã de ferro’, por se tratar de uma figura pública, segundo a sociedade em que estamos inseridos e que antes de tudo o que vale são os estereótipos impostos por ela, na situação de Bruna ela teria que seguir esse modelo social.

O teor de machismo presente no discurso das seguidoras, ao questionar os seios da atriz e em seguida expressar algo que se remete a risadas, se tornando assim uma opressora, isso se dá pelo fato que vivemos em uma sociedade onde o oprimido tende a cometer os mesmos atos do opressor se fazendo assim a repercussão do preconceito.

No terceiro comentário, a seguidora faz referência a outra mulher que foi a autora do primeiro comentário, questionando o fato de que Bruna não era mãe para estar com os seios daquele jeito, com isso fica claro o apoio em que elas se dão nesses momentos, basta um comentário para que ele crie força e gere outros, percebemos que com o passar dos

tempos a quantidade de comentários só aumentam, pois é fato que as mulheres se sintam mais confortáveis por trás de perfis de redes sociais e com o apoio das demais.

### *O ideal de pureza*

Analisando os comentários (1, 2 e 3) fica nítido que as seguidoras se asseguram em um padrão de pureza na qual elas acreditam que toda mulher deve ter, ao comparar Bruna com o que ela chama de ‘puta’, a seguidora está se referindo na ausência dessa pureza, fazendo-se assim a comparação da atriz com prostituta, com um teor bem elevado de ofensa.

Comparando a outros comentários, nos comentários 1, 2 e 3 nota-se que as seguidoras se tornam mais agressivas, deixando bem claro qual o seu objetivo, vivemos em uma sociedade dominada pelo machismo, cujos padrões tidos como ‘vulgares’ são hostilizados, onde mulheres tem que viver rotuladas por medo de represálias semelhantes a essas.

Assim como muitos outros artistas, Bruna começou muito cedo no meio artístico, compartilhando durante muito tempo esse contrato de pureza, onde toda essa violência seja superestimada pela ruptura desse contrato, onde para muitas pessoas ela ainda deveria ser aquela criança que transmite a pureza e uma certa ingenuidade, para muitas pessoas fica difícil de acreditar que alguns de seus artistas favoritos estejam crescendo, o fato de associar os personagens ao ator dificulta nessa transição, por isso o fato de que Bruna não esteja mais compactuando desse contrato seja uma atenuante no comportamento das seguidoras.

### **Considerações Finais**

O presente trabalho buscou compreender de que modo e de que forma as mulheres propagam o discurso machista ao criticarem outras mulheres nas redes sociais e para isso, consultamos artigos de autores que ajudaram a compreender como se articula um discurso e como o machismo e suas formas de propagação estão presentes no nosso cotidiano.

Sob as orientações de uma metodologia etnográfica virtual, foi acompanhada recentemente a postagem de Bruna Marquezine no seu *Instagram* de uma foto com mais de cento e um mil comentários, 90% por parte de mulheres, onde foram analisados doze comentários, cuja atriz é alvo de crítica pelo seu corpo e seu jeito de vestir.

Por eles, podemos compreender que a partir de uma expressão linguística estão inseridos aspectos que circundam o envolvimento e a natureza social das relações humanas. Percebemos que um comentário machista também carrega um discurso machista, que por sua vez, foi desenhado em uma ideologia machista que certamente foi influenciada por vários fatores, entre eles, o patriarcado.

Para Walter Benjamin (1985,p.530) fica clara a tradição do oprimido onde ele comete os mesmos atos que o opressor, fazendo com outros indivíduos o mesmo já feito com ele e acaba enaltecendo o pensamento machista, isso acontece em muitos dos casos, por isso para muitas mulheres as redes sociais pode ser o local mais seguro de se propagar discurso machista, sem ser alvo físico de pessoas adeptas ao feminismo.

Observamos em nosso *corpus* de análise que na maioria dos comentários analisados, as mulheres fazem uso de estratégias menos ostensivas para exprimir o machismo, mas isso não implica na redução do peso ofensivo, uma vez que a ideia de diminuir o sexo feminino persiste, sempre que a mulher real é comparada a um estereotipo de beleza e pureza.

Antes desta investigação era difícil aceitar que uma mulher poderia ser tão machista quanto um homem, ao estudar Angela Daves surgiu os questionamentos que balizaram este estudo, espera-se com este trabalho que a sociedade entenda que o machista podemos ser eu, tu e todos nós e que se continuarmos com essa repercussão, não estaremos simplesmente a regredir, mas a desvalorizar os esforços de grandes mentes como Angela Daves, Nísia Floresta, Bertha Lutz entre outras mulheres que contribuíram de qualquer forma para que as mulheres têm um lugar de direto na sociedade e pela igualdade de gênero.

Este trabalho pode contribuir para futuras pesquisas neste campo, na comunidade acadêmica, pois consiste em um suporte, especialmente linguístico e discursivo sobre como a ideologia machista está configurando as ações femininas.

## **REFERÊNCIAS**

ARISTÓTELES. Sobre a Geração e a Corrupção. Tradução de Francisco Chorão. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 2009. Disponível em: <http://www.obrasdearistoteles.net/> Acesso em 9 de agosto de 2018.

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Preconceito e intolerância: reflexões linguístico-discursivas*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: a experiência vivida*. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980. Tradução de Sérgio Millet.
- BURKE, Peter. J.; STETS, Jan. E. *Identity theory*. New York: Oxford University Press, 2009.
- Cornell, Drucilla (1998). *At the heart of freedom: feminism, sex, and equality*. Princeton, N.J.: Princeton
- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso modos de organização*. São Paulo: Contexto São Paulo, 2008
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 1944.
- DUBY, Georges. PERROT, M. *História das mulheres: do Renascimento à Idade Moderna*. 3 vol. Porto: Afrontamento, 1993.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Teoria e discurso social*. Brasília: Conselho Editorial, 1992. \_\_\_\_\_ . *Language and Power*. New York: Longman, 2003.
- LIMA VAZ, Henrique Cláudio. *Antropologia filosófica I*. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2000, p.233
- OLIVEIRA, Pauliana Duarte. “Análise discursiva sobre crenças e concepções de ensino-aprendizagem de língua estrangeira em artigo científico”. *RevLet*, Jataí, v. 5, n. 2, p.89-102, ago./dez. de 2013. Disponível em: <<http://www.revlet.com.br/artigos/196.pdf>>. Acesso em: 15 de julho de 2018.
- RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas*. São Paulo: \_\_\_\_\_; RAMALHO, V.. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006. \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. “O modelo tridimensional Análise de discurso crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas”. *Linguagem em (dis)curso*, Tubarão, v. 5, n. 1, p.185-207, ago/dez. 2004. Disponível em: <[http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/viewFile/307/323](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/viewFile/307/323)>. Acesso em: 10 de agosto de 2018
- ROCHA, Décio. “Representar e intervir: linguagem, prática discursiva e performatividade”. *Linguagem em (dis)curso*, [s.l.], v. 14, n. 3, p.619-632, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-140310-4513>.
- SAFFIOTI, H. I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SOUZA, Lizandra. *Porque as mulheres produzem o machismo*. 2015. Disponível em: <[http://diariosdeumafeminista.blogspot.com/2015/11/por-que-as-mulheres-reproduzem-machismo\\_29.html](http://diariosdeumafeminista.blogspot.com/2015/11/por-que-as-mulheres-reproduzem-machismo_29.html)>. Acesso em: 09 jun. 2018.

THOMPSON, J.B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

TURNER, J. C. “Social identification and psychological group formation”. In: TAFJEL, H (Org.). *The social dimension: european developments in social psychology*, vol. 2. Cambridge University, 1977.